

## ENCONTROS COM ANA

Rogério Generoso

Eram sete horas da noite e eu voltava do recital, acontecido na rua Sant'Anna. Já ia pela praça de Casa Forte, caminhando, porque me faltava dinheiro do ônibus para ir até Casa Amarela, quando ouvi gritos: (Genê... Genê) ou (Genê...Rogério) vindos de onde eu não sabia. Olhei ao redor e um ônibus já manobrava para deixar a parada. Foi então, que vi uma silhueta (porque longe) de mulher colocando a cabeça pela janela e apontando para a barriga: (Olha! Tou grávida) e o ônibus se foi. Tudo muito rápido, mas também, rapidamente lembrei a dona da silhueta: era Cláudia, sim, porque Genê é como ela me chamava desde sempre e só ela. Ai como eu fiquei feliz... ela estava esperando um bebê... confesso agora que senti saudades e, talvez, um ciúmes que eu não senti antes e nem sabia que havia, pelo tempo que passou sem-o saber dela. Foi assim que Cláudia me apresentou Ana, ainda na sua barriga.

Naquela noite fiquei perturbado com as lembranças que vieram de uma vez, sobre ela, depois de anos; porque sempre houve algo que eu não sabia identificar, mais que amizade entre nós. Depois pensei: se ela está grávida, está casada e feliz... e me esforcei para, nos dias que se seguiram, esquecer o ocorrido. Passados quatro anos eu fui pegar um ônibus na Rua Santa Izabel, quando soube que os motoristas estavam em greve e havia poucos ônibus circulando.

Estava na parada em frente à Rua Luiz Lira, quando a vi; Cláudia. Estava com uma menininha ao lado. Ela me viu e cumprimentou, e disse: Olha, essa é Ana, minha filha! (era uma galeguinha linda, com os cabelos ondulados de cachinhos dourados) Ana parecia triste e Cláudia explicou que ela estava febril e com a garganta fechada; ia levá-la ao médico, mas a greve dificultava tudo, porque depois ainda iria trabalhar. Conversamos um pouco (eu não tinha hora pra chegar aonde eu ia), quando vi um táxi e dei a mão para ele parar. Cláudia meio que começou a se despedir, mas na verdade, eu parei o táxi para levá-las. Ofereci a carona: mas não vai tirar você do caminho? perguntou. Não; respondi. Mas, mesmo que tirasse, eu iria com elas para acalmar o coração de Cláudia que, estava quase pulando pela boca, da angustia sofrida pelo estado de Ana. Deixei-as perto do hospital querendo ficar para saber do atendimento, mas calei pensando que logo o marido dela viria para dar atenção à filha e à esposa.

Foi a segunda vez que vi Ana.

Passaram outros tantos anos e reencontrei Cláudia, estava separada e deixamos que o amor finalmente chegasse. Cláudia tinha uma preocupação: Ana, que aos nove anos, não sabia como ela receberia um relacionamento na vida da mãe. Depois de alguns meses de encontros, cada vez mais constantes, mais apaixonados, e com Ana já sabendo de minha existência, chegara a hora do encontro. Marquei para ir-mos ver um espetáculo teatral numa quinta-feira de

manhã, de julho de 2018. Fiquei tenso demais, mesmo dias antes do marcado, e no dia do encontro, pareceu-me o dia que fui encontrar a mãe, e não, com Ana. Então, nos vimos; Ana estava linda! O cabelo, agora estava liso e castanho. Eu estava de barba: a mãe gostava de me ver barbudo. Ana, disse depois, que sentiu um certo medo... Bom, estávamos apresentados; agora oficialmente. Foi a terceira vez que vi Ana. Depois perdi a conta de quantas vezes estivemos juntos e também, de como ela se achegou, a ponto de mudar o meu visual: praticamente exigiu que eu tirasse a barba... Ah... e ganhei até um título dela: passei a ser Tio Rogério.

Última modificação: 05:22